

SOMOS CUCUTRAP

Lima Barreto José de Alencar

Augusto dos Anjos

Machado de Assis

Cruz e Souza

Pero Vaz de Caminha

Luis de Camões

Castro Alves

Cláudio Manoel da Costa

Bento Teixeira

VIRTUALBOOKS

UM CREDOR DA FAZENDA NACIONAL

Qorpo-Santo

Edição especial para distribuição gratuita pela Internet,
através da Virtualbooks.

A VirtualBooks gostaria também de receber suas críticas e sugestões. Sua opinião é muito importante para o aprimoramento de nossas edições: **Vbooks02@terra.com.br** Estamos à espera do seu e-mail.

Sobre os Direitos Autorais:

Fazemos o possível para certificarmos-nos de que os materiais presentes no acervo são de domínio público (70 anos após a morte do autor) ou de autoria do titular. Caso contrário, só publicamos material após a obtenção de autorização dos proprietários dos direitos autorais. Se alguém suspeitar que algum material do acervo não obedeça a uma destas duas condições, pedimos: por favor, avise-nos pelo e-mail: vbooks03@terra.com.br para que possamos providenciar a regularização ou a retirada imediata do material do site.



www.virtualbooks.com.br/

Copyright© 2000/2002 Virtualbooks

Virtual Books Online M&M Editores Ltda.

Rua Benedito Valadares, 429 – centro

35660-000 Pará de Minas - MG

Todos os direitos reservados. All rights reserved.

UM CREDOR DA FAZENDA NACIONAL

Qorpo-Santo

PERSONAGENS:

Credor
Porteiro
Um Major
Um Contínuo
Empregados da repartição
Outros credor
Leopoldino ,*Contador*
Chefe de secção
Sr. Barbosa

ATO PRIMEIRO

UM CREDOR – (*entrando em uma repartição pública; para o Porteiro*) – Está o Sr.

Inspetor?

PORTEIRO – Está; mas não se lhe pode agora falar.

CREDOR – Por quê?

PORTEIRO – Está muito ocupado!

CREDOR – Em quê?

PORTEIRO – Tem gente aí com ele.

CREDOR – Quem é?

PORTEIRO – Um Major!

CREDOR – Demorar-se-á muito?

PORTEIRO – Ignoro.

CREDOR – Pois diga-lhe que lhe quero falar!

PORTEIRO – Não posso ir lá agora.

CREDOR – Quantas horas estarei eu aqui à espera que o Sr. Major saia para que eu entre!

(*Passeia*) .(*O MAJOR, saindo e encontrando-se com o Credor.*)

CREDOR (*para o MAJOR*) – Oh! O Sr. por aqui! Julgava-o quem sabe onde! Disseram-

me que tinha ido para Rio Pardo há dias!

MAJOR – Tenho tido aqui numerosos afazeres, por isso não sei quando irei.

CREDOR – Fique certo que sinto o mais vivo prazer em vê-lo no gozo da mais perfeita

saúde.

MAJOR – Onde é aqui a tesouraria?

CREDOR – Na Tesouraria estamos; mas o Tesoureiro está lá embaixo.

PORTEIRO – Lá, não; lá está o pagador!

CREDOR – Ah! Então é cá em cima; porém nos fundos; creio que na última sala.

MAJOR – Então para lá vou. (*Segue.*)

CREDOR – Agora entro eu. (*Dirigindo-se à repartição.*)

PORTEIRO – Está lá o Sr. Leopoldino Contador!

CREDOR – É célebre! Então vou à secção respectiva saber se foi informado o meu

requerimento! (*Caminha, e entra.*)

PORTEIRO – Que diabo de homem este! Tem vindo mais de um cento de vezes à

repartição... se há de...

CONTÍNUO – Faz ele muito bem [em] vir cá ! Deve-se lhe, por que não se lhe há de

pagar?

CONTÍNUO – Homem; isso é verdade! Qual a razão por que esta repartição há de paliar

meses e anos!?

PORTEIRO – Custa a crer a retardação de pagamento ou a preguinha, segundo dizem

alguns empregados!

CONTÍNUO – O caso é que ele tem procedido sempre com a maior prudência!

PORTEIRO – Isso é verdade. Mas quantos terão sofrido pela falta de cumprimento de

deveres de alguns funcionários públicos?

CONTÍNUO – É verdade! Tem havido tantos males, que enumerá-los talvez fosse

impossível.

PORTEIRO – Mas tu sabes o que os empregados querem? Talvez não saibas. Pois eu te

digo:

1º – Acabar com a Monarquia Constitucional e Representativa!

2º - Pôr termo às repartições públicas; isto é, acabarem com todas estas

imposturas!

3º- Mudar a forma de governo para República.

4º- Fazerem uma liga entre todos que...

CONTÍNUO – (*pondo as mãos na cabeça e puxando as orelhas*) – Estás louco! Homem!

D'onde vieram-te esses pensamentos!? Se não mudas de modo de pensar, vais parar à Caridade.

PORTEIRO – Ah! Tu não ouves! És surdo! Não vês. Tens olhos e não enxergas!

Ouvidos, e não ouves! Só falas! Tu verás a revolução que em breve se há de operar! Olha; eu estou vendo o dia em que entra por aqui uma força armada; vai aos cofres, papéis. e rouba quanto neles se acha. Acende um facho, e faça fogo em tudo quanto é papéis.

CONTÍNUO – *(a correr)* – Ih! Ih! Ih! Parece que já estou ouvindo o tinir das espadas! A

voz do canhão troar. Deus meu! Acudi-me! Ai! Que eu morro! *(Cai sentado.)* Ai! Ai! Estou cansado! Fadigado! Quase... Meu Deus! Quantas mortes vos aprazera ainda fazer!? Quando vos compadecereis de vossos entes ainda que maus!? Quando se aplacará a vossa ira!? Quando se saciará a vossa vingança! Céus! Que vejo! *(Como amparado com as mãos; pondo o corpo de lado; ao ouvir o som da trovoada que em cima se faz.)* Ah!...

PORTEIRO - *(querendo acudi-lo)* – Não é nada, companheiro e amigo! São os primeiros

preparativos para a estralada que logo mais terá de ver e ouvir. Tranqüiliza o teu coração. Ainda não desceram raios, fogo, e tudo o mais que se há preparando para grande revolução! Começará de cima; e descerá à terra, como a saraiva em certos dias chuvosos. *(Ouve-se nova trovoada; relâmpagos.)*

CONTÍNUO – *(melhorando pouco; e levantado-se)*- Acho-me um pouco mais animado?

Parece-me que isto não é comigo. Que dizes? Hem? *(batendo no ombro do porteiro.)* Que diabo, pois eu nada fiz, o que devo temer!? Sou muito pusilânime.

PORTEIRO – Tu sempre foste um poltrão. De tudo te assustas; de tudo tens medo! Diabo!

(Empurra-o) Toma juízo! Deixa-te de...

CONTÍNUO – Ora, ora! E não entendo o que é ter juízo, pelo que vejo, e pelo que ouço.

Vivo em minha casa. Trabalho incessantemente em proveito meu, e da minha

família. Não ofendo a pessoa alguma! Sucede-me isto! Dize-me: - O que é ter juízo?

PORTEIRO – Ter juízo é cometer... e... ai!ai! *(pondo as mãos no rosto)* que também estou

ficando doente!

CREDOR *(voltando)* – Ainda hoje não recebo dinheiro! Prometeu-me um Empregado, e a

mais um indivíduo que espera... Como de... *(Sai.)* Veremos se se pode receber segunda-feira!

UM DOS EMPREGADOS – Por que razão não se há de pagar a este homem!?

OUTRO – Eu sei disso!?

CREDOR *-(voltando)* – Não tenho melhor resolução a tomar, que a de sentar-me em

uma das cadeiras desta repartição e nela esperar até que se me pague.

CERTO INDIVÍDUO – Então, por quê?

CREDOR - Ora, porque!? Porque não dou um passo que não encontre um ,que não

me peça o aluguel da casa. Outro, que não me peça... que não me fale!...

O INDIVÍDUO – Tudo isso é bom!

CREDOR – É ; é; para certos indivíduos; para mim é péssimo! Nunca gostei de ser

atacado em casa, quanto mais pelas ruas da cidade! Todos os que compelem a

honra, ou aos que desejam viver com seriedade, - a essas cenas, - deveriam em minha opinião ficar condenados a idênticos; ou a outros procederes piores, contrários à sua vontade, ou desejos.

O INDIVÍDUO *(com a mão querendo fazer uma cruz)* – Resquié d'impance! Resquié

d'impassere; Amem! Amem! N'amem! N'amem! *(Saindo)*. E vou m'embora *(Sai)*

ATO SEGUNDO

Salão em que trabalham diversas secções

CREADOR (*entrando*) – É a vigésima... não me lembro se quinta ou sétima vez que venho a esta casa haver aluguéis de casa! E talvez ainda hoje saia sem dinheiro! (*À parte:*) Mas eles hão de se arranjar! (*A um dos empregados, o Contador:*)Vossa Senhoria faz-me o obséquio de dizer se está despachando o conteúdo, ou quer que seja, quando a um requerimento que aqui tenho?

CONTADOR – Será... (*lendo*) Castro... Car... Cirilo, Dilermando!?

CREADOR – Não! É um requerimento meu, assinado – José Joaquim de Qampo Leão, Qorpo-Santo.

CONTADOR – Ah! Esse está no chefe da quarta secção.

CREADOR – Bem, então lá irei. (*Dirigindo-se ao chefe:*)Faz-me o obséquio de dizer se já está despachado um requerimento que aqui tenho?

CHEFE (*apontado*) – Fale ali com o Sr. Barbosa.

CREADOR (*dirigindo-se a este*) – Ainda não encontrou o que procurava a meu respeito?

BARBOSA – Ainda não! Há aqui tantos papéis!

CREADOR – Ora, com efeito! Pois tanto custa ver um ofício da Presidência, ou ver o assentamento que em virtude desse ofício deve existir no livro competente? Isto é, no mesmo em que se acham debitados tais aluguéis!? (*Senta-se.*)

CHEFE – V. Exa. Não adianta nada em esperar aqui! Antes atrasa o serviço para conseguir o que quer; deixe estar que está se trabalhando!

CREADOR – Eu, nem venho interromper, nem venho adiantar! Mas apenas saber! Parece-me cousa tão simples; tão fácil...

BARBOSA – São três ofícios da Presidência que o Sr. Inspetor quer ver! Não é um só.

CREADOR – Srs., eu já sei o que hei de fazer, o que os Srs. querem! Voltarei em tempo! (*Ao sair, encontra-se com outro.*)

O OUTRO – Então, não!? (*Dá-lhe uma caixa de fósforos.*)

CREADOR – Estou doente; e assim fico todas as vezes que venho a esta casa, e dela saio sem dinheiro!

O OUTRO – Então fico eu pelo Sr.! (*O Credor sai; e o Outro entra.*)

O OUTRO – Muito custa esta casa pagar a quem deve! Faz-se uma dúzia de requerimentos para se obter um despacho! Cada requerimento leva outra dúzia de informações! O

despacho definitivo obtém-se por milagre! E a paga ou dinheiro que a alguém se deve – quase à força, ou pela força!

UM DOS EMPREGADOS – *(para esse Indivíduo)* – Com efeito! O Sr. é audaz de mais!

O OUTRO – Não! Não é por audácia! É apenas referir o que se passa... o que é verídico!

EMPREGADO – Sim; mas nós não temos culpa!

O OUTRO – Nem eu inculpo a alguém! Mas receio, Srs., que os numerosos incômodos que

tenho sofrimento, pelo procedimento que esta repartição para comigo – vai tendo; os vexames; as faltas; as privações; e até as enfermidades que tem me causado e numerosos outros transtornos, farão de repente com que se espalhe fogo nestes papéis – e tudo se incendie *(Toca uma caixa de fósforos numa mesa; esta incendeia-se; ele a atira para as mesas de um dos lados; faz o mesmo à outra, e atira para outro lado; enquanto os empregados trabalham para apagar o fogo em alguns papéis que começam a incendiar-se, ele sai.)*

(Já se vê que há descompostura; repreensões; atropelamento, carreiras em busca d' água; ligeireza para se-apagar; aparecimento de alguns outros empregados, ao ouvirem o grito de fogo, etc.

Pode acabar assim; ou com a cena da entrada do Inspector, repreendendo a todos pelo mal que cumprem seus deveres; e terminando por atirarem com livros e penas; atracações e descomposturas etc.)

Por

José Joaquim de Campos Leão Qorpo-Santo.

Em Porto Alegre, de 26 a 27 de Maio de 1866.

FIM